



Ano XXIX - Vol. XXIX - (1): Janeiro/Dezembro - 2025

CRIANÇAS ATUANDO NAS CENAS DAS SUAS PRÓPRIAS CRIAÇÕES: EM BUSCA DE UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EMANCIPATÓRIA POR INTERMÉDIO DO TEATRO DO OPRIMIDO VISTO PELA ÉGIDE DA GEOGRAFIA DA INFÂNCIA

CHILDREN ACTING IN SCENES OF THEIR OWN CREATIONS: IN SEARCH OF AN EMANCIPATORY ENVIRONMENTAL EDUCATION THROUGH THE THEATRE OF THE OPPRESSED SEEN THROUGH THE AEGIS OF CHILDHOOD GEOGRAPHY

NIÑOS ACTÚAN EN ESCENAS DE CREACIÓN PROPIA: EN BÚSQUEDA DE UNA EDUCACIÓN AMBIENTAL EMANCIPATORIA A TRAVÉS DEL TEATRO DE LOS OPRIMIDOS VISTO DESDE LA ÉGIDA DE LA GEOGRAFÍA INFANTIL

Daisson Felix Jacinto¹

0009-0003-1383-7539
daissonfelix@gmail.com

Eloiza Cristiane Torres²

0000-0003-2526-470X
elotorres@uel.br

1 Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-1383-7539>. E-mail: daissonfelix@gmail.com.

2 Docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2526-470X>. Email: elotorres@uel.br.

Artigo recebido em março de 2025 e aceito para publicação em junho de 2025.



Este artigo está licenciado sob uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

RESUMO: Esta pesquisa investiga as possibilidades teóricas e metodológicas para a sensibilização na Educação Ambiental, integrando o meio ambiente como parte indissociável do indivíduo. Utilizou-se o Teatro do Oprimido, especificamente o teatro fórum de Augusto Boal, como linguagem para promover uma Educação Ambiental emancipatória e significativa, aliada aos conceitos da Geografia da Infância, Arte e Literatura. O método humano-processual e a pesquisa participativa de viés qualitativo guiaram o estudo, que incluiu revisão bibliográfica, levantamento de conhecimentos prévios dos participantes e oficinas teatrais com crianças de 5 a 9 anos na “Casa do Caminho”, em Londrina-PR. As intervenções culminaram em um espetáculo baseado no teatro fórum. Os resultados indicaram que a linguagem teatral amplia a sensibilização e aprendizagem dos princípios da Educação Ambiental, destacando sua eficácia como metodologia educativa.

Palavras-chave: Educação ambiental emancipatória significativa. Teatro do Oprimido. Geografia da Infância.

ABSTRACT: This research investigates the theoretical and methodological possibilities for raising awareness in Environmental Education, integrating the environment as an inseparable part of the individual. The Theater of the Oppressed, specifically Augusto Boal's forum theater, was used as a tool to promote an emancipatory and meaningful Environmental Education, combined with the concepts of Childhood Geography, Art and Literature. The human-processual method and qualitative participatory research guided the study, which included a bibliographic review, survey of participants' prior knowledge and theater workshops with children aged 5 to 9 at “Casa do Caminho”, in Londrina-PR. The interventions culminated in a show based on forum theater. The results indicated that theatrical language increases awareness and learning of the principles of Environmental Education, highlighting its effectiveness as an educational methodology.

Keywords: Meaningful emancipatory environmental education. Theater of the Oppressed; Geography of Childhood.

RESUMEN: Esta investigación indaga en las posibilidades teóricas y metodológicas para la sensibilización en Educación Ambiental, integrando el medio ambiente como parte inseparable del individuo. El Teatro del Oprimido, específicamente el teatro foro de Augusto Boal, fue utilizado como herramienta para promover una Educación Ambiental emancipadora y significativa, combinada con los conceptos de Geografía de la Infancia, Arte y Literatura. El método humano-procedimental y la investigación participativa cualitativa guiaron el estudio, que incluyó revisión bibliográfica, encuesta de conocimientos previos de los participantes y talleres de teatro con niños de 5 a 9 años en la “Casa do Caminho”, en Londrina-PR. Las intervenciones culminaron con un espectáculo basado en teatro foro. Los resultados indicaron que el lenguaje teatral aumenta la conciencia y el aprendizaje de los principios de la Educación Ambiental, destacando su eficacia como metodología educativa.

Palabras clave: Educación ambiental emancipadora significativa.; Teatro del Oprimido. Geografía de la Infancia.

INTRODUÇÃO E A PROBLEMATIZAÇÃO

As transformações intensas vivenciadas pela sociedade urbano-industrial têm provocado impactos profundos na vida das pessoas, exigindo mudanças significativas nas organizações e instituições. Essas transformações demandam a reformulação de propósitos, políticas, estruturas e procedimentos, refletindo a necessidade de adaptação a uma realidade em constante evolução.

Nesse contexto, a educação, tanto nos ambientes formais quanto nos não formais, desempenha um papel central ao contribuir para a formação de cidadãos sensíveis às questões ambientais e sociais, além de engajados ativamente nos processos de transformação em que estão inseridos.

A importância da educação como prática social é ressaltada por Araújo (2013, p. 3), ao afirmar que ela “[...] constitui prática social que requer um conjunto de ações intencionais [...] e uma de suas finalidades é contribuir para a humanização e emancipação do homem e para a formação de cidadãos críticos”. Assim, a educação ambiental (EA) emerge como uma abordagem pedagógica essencial para formar cidadãos críticos e reflexivos, comprometidos com a sustentabilidade da vida, o bem-estar coletivo e a justiça social.

As pedagogias contra-hegemônicas, defendidas por Freire (1987) e Saviani (2013), destacam-se ao promover a humanização por meio de processos educativos que ampliam a participação social e a cidadania.

Segundo Freire (1987), a EA pode ser desenvolvida de forma participativa e problematizadora, considerando os diferentes saberes culturais e as necessidades das sociedades. O autor ressalta que a educação deve ser baseada no diálogo, na reflexão e na criatividade, pois, sem essa consciência crítica, o indivíduo “[...] não pode participar ativamente na história, na sociedade, na transformação da realidade” (Freire, 1987, p. 48).

Por outro lado, é necessário romper com a perspectiva hegemônica de EA, predominante em muitas práticas pedagógicas, que frequentemente reduz a participação popular a ações pontuais e esvazia a dimensão política das questões ambientais. Conforme Figueiredo (2016), essa abordagem liberal apresenta falhas ao tratar problemas ambientais como responsabilidade individual, desconsiderando o modo de produção vigente e as dinâmicas espaço-territoriais como fundamentos para a compreensão dessas questões.

Em contraponto, propõe-se uma Educação Ambiental Emancipatória e Significativa (EAES), que valoriza a participação democrática e crítica nos processos educativos, tanto em contextos formais quanto não formais.

A relevância da EA no desenvolvimento de uma cidadania comprometida foi enfatizada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que definem como função principal da EA “[...] contribuir para a formação de cidadãos conscientes, aptos para decidirem e atuarem na realidade socioambiental de um modo comprometido com a vida, com o bem-estar de cada um e da sociedade, local e global” (Brasil, 1998, p. 12). Os princípios das Diretrizes Curriculares Nacionais para a EA (Brasil, 2012) reforçam essa perspectiva, destacando a educação como direito universal e promotora de sociedades mais justas.

No entanto, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) voltada ao Ensino Fundamental, não incluiu explicitamente a EA como tema transversal, optando por integrá-la de forma fragmentada nos conteúdos da Educação Básica. Essa abordagem difere da clareza presente nos PCNs, especialmente na área de Geografia, onde se observa a ausência de uma discussão teórico-metodológica que auxilie os professores no trabalho com EA em sala de aula.

Este estudo se justifica baseado no espírito curioso do autor em revelar e conhecer as maneiras como as infâncias fazem as suas geografias, assim ajudando no processo catártico do autor em ser um professor e pesquisador mais resiliente e criativo, não se esquecendo dessa criança interior cheia de curiosidade científica, agora com os meios teóricos e metodológicos para levar essas discussões para as mais diversas esferas do conhecimento humano.

Neste contexto, esta pesquisa, sob a luz do método humano-processual³ buscou explorar como a metodologia do Teatro Fórum, uma vertente do Teatro do Oprimido (TO) de Augusto Boal, poderia ser utilizada se inspirando nos preceitos da metodologia participativa⁴ para sensibilizar os participantes acerca da EAES. Entre os objetivos específicos estiveram: Utilizar a produção acadêmica existente sobre os temas “Educação Ambiental Emancipatória e Significativa”, “Teatro do Oprimido” e “Geografia da Infância” para analisar as representações sociais dos participantes sobre o conceito de meio ambiente; Investigar como o teatro, a escrita e os desenhos expressam suas percepções geográficas cotidianas e por fim elencar a importância dos conhecimentos geográficos na infância, com bases teóricas.

Segundo Reigota (2001, p. 70), as representações sociais consistem em “[...] um conjunto de princípios construídos interativamente e compartilhados por diferentes grupos, que através delas compreendem e transformam sua realidade”.

Para Cintrão e Correia (2004, p. 203), essas representações refletem pensamentos, atitudes e condutas cotidianas, promovendo a interação social e a transformação coletiva. Dessa forma, a pesquisa justifica-se ao dialogar com a Geografia da Infância (GI), proporcionando subsídios teóricos e metodológicos para enriquecer práticas pedagógicas no ensino básico e em espaços não formais de educação.

A educação, quando fundamentada em princípios emancipatórios, possui o potencial de sensibilizar sobre as múltiplas interações entre homem e meio ambiente. Assim, os ambientes formais e não formais tornam-se espaços férteis para explorar novos horizontes e perspectivas, desde a educação básica até o ensino superior.

Por fim, este estudo pretende contribuir de forma qualitativa e interdisciplinar para a integração da EA ao ensino de Geografia, destacando seu valor social e educativo e o objeto de estudo é o TO com a EA. O texto da dissertação está organizado em três capítulos: o primeiro aborda as bases teóricas da EA, da GI e do TO ; o segundo apresenta a metodologia e os resultados; e o terceiro traz reflexões conclusivas e caminhos futuros. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

QUANDO O TEATRO E A GEOGRAFIA DA INFÂNCIA SE ENCONTRAM...

A linguagem artística teatral recorre às emoções, expressões corporais, voz, texto, cenário, entre outros elementos, é um recurso eficaz para ser utilizada na escola em qualquer disciplina pelo fato de promover a sensibilidade, reflexão, oralidade, coletividade, escrita, leitura, criatividade e percepção do espaço.

O teatro prepara o indivíduo para a vida, assim, ele estará preparado para as decepções e alegrias, encorajando o ato de improvisar diante de uma situação inesperada exercitando também o trabalho em equipe (Granero, 2018).

A EA é um processo pedagógico que visa a formação de uma consciência sobre o meio ambiente e a criação de valores e atitudes que promovam a cidadania, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida das pessoas e para a sustentabilidade (Reigota, 2001).

Villa, Torres e Canesso (2014) apresentam discussões acerca do uso do teatro como um recurso didático capaz de abordar diversas temáticas, especialmente a Educação Ambiental. O teatro, nesse contexto, é visto como um método eficaz para estimular a criatividade e a criticidade sobre a relação das crianças com o ambiente em que vivem. Essa abordagem se destaca pela capacidade de alinhar expressão artística e aprendizado ambiental.

Paulo e Torres (2017) destacam que as encenações teatrais podem ser um caminho promissor para o desenvolvimento da Educação Ambiental, propondo que práticas teatrais são ferramentas pedagógicas poderosas para sensibilizar sobre questões ambientais de maneira lúdica e engajadora.

Jacinto e Alves (2023) abordam uma experiências práticas em que o teatro foi utilizado como linguagem para promover reflexões ambientais e sociais, conectando os participantes com o ambiente local de forma criativa e significativa.

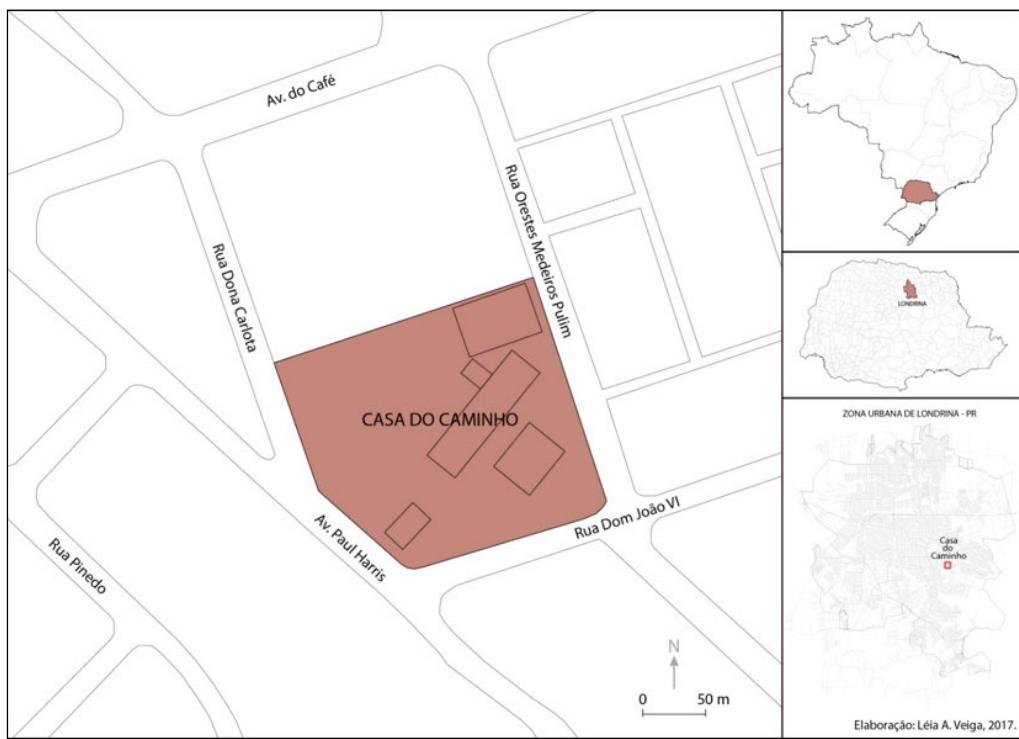
Silva e Petile (2023) exploram o potencial criativo das oficinas de teatro como linguagem para a Educação Ambiental, enfatizando o papel transformador dessas práticas. No relato de experiência realizado em Londrina-PR, os autores demonstram como o teatro pode contribuir para uma Educação Ambiental mais crítica e participativa.

A intervenção desenvolveu uma prática pedagógica pautada na EAES e nos conceitos da GI, tendo como fio condutor a produção teatral e a Geoarteliteratura. No decorrer da pesquisa foi investigado e discutido as representações sociais⁵ dos participantes que emergiram no decorrer da elaboração da produção teatral, construídas pelos participantes do ambiente de educação não-formal envolvido neste projeto.

A produção de uma pesquisa-ação inspirada pela metodologia participativa⁶ conjunta com os educadores do ambiente não-formal foi muito viável e de grande contribuição para a formação do pesquisador e participantes.

Primeiro ato: Apresentações gerais e a metodologia

A pesquisa proposta é caracterizada como de abordagem qualitativa, pois o pesquisador está atento principalmente aos processos e não somente aos resultados (Gil, 2017). O recorte espacial da pesquisa consiste no ambiente não-formal de educação a Casa do Caminho localizada na cidade de Londrina-PR (Figura 1).



Fonte: IBGE (2015); Google Maps (2016); Organizadoras: Gaspar; Torres; Veiga (2019).

Figura 1. Localização da Casa do Caminho na Cidade de Londrina/PR, 2024.

Essa instituição é filantrópica religiosa, no caso espírita kardecista, cujo foco é contribuir na educação de crianças e adolescentes. Localizada na zona oeste, no bairro aeroporto e foi criada em 1987. A população da pesquisa diz respeito aos educandos na faixa etária de 05 a 12 anos, dessa instituição que a frequentaram nas 2 reuniões em novembro, 2 reuniões em dezembro de 2023 e 2 reuniões em março de 2024 (os meses de janeiro e fevereiro são as férias da instituição).

Quanto aos procedimentos de investigação, foram utilizadas fontes primárias e secundárias. As informações primárias foram levantadas junto à instituição Casa do Caminho de Londrina. Foram convidados e convidadas a participar da pesquisa as pessoas que fazem parte da instituição, sendo elas educandos e educadores.

O grupo de participantes foi do tipo não probabilístico intencional, ou seja, composta por unidades elementares que foram incluídas na amostra sem probabilidade previamente especificada ou conhecida (Castanheira, 2013), sendo formada a partir do convite junto aos educadores e educandos para participar da pesquisa. Aqueles que concordaram em participar, resultaram na quantidade final de participantes da pesquisa.

As informações primárias foram levantadas por meio dos seguintes passos que somam 6 reuniões, divididas 3 grandes atos, entre os meses de novembro e dezembro de 2023 e março de 2024, o intervalo maior de meses se justifica, pois, a instituição entrou em férias nos meses de janeiro e fevereiro.

No primeiro ato, foi realizado um trabalho de campo, do pesquisador para com a supracitada instituição para levantar informações sobre possibilidades das práticas de EA na instituição, ou seja, ir a campo para ver as estruturas materiais da Casa do Caminho. Nesse ato aconteceu a apresentação da história do Pequeno Príncipe (Saint-exupéry, 2009) e o roteiro para inspiração teatral retratado no Quadro 1, que serviu para inspirar os participantes.

Nas reuniões em novembro, ocorreu a apresentação da história do pequeno príncipe e do Roteiro de Inspiração Teatral com inspiração na obra “O Pequeno Príncipe (Saint-Exupéry, 2009)” para fomentar as representações sociais⁷ dos participantes sobre o Teatro, a Geografia e o Meio Ambiente, no Quadro 1.

Quadro 1. Roteiro de Inspiração Teatral.

O seguinte roteiro possui única e exclusiva finalidade de inspiração para a produção teatral envolvendo a Geografia da Infância, O Meio Ambiente e o Teatro.
Segue breve explicação de cada conceito:
- Geografia da Infância: é uma abordagem que enfoca as experiências e perspectivas das crianças em relação ao espaço e ao ambiente. Ela busca valorizar suas vozes, promover a participação infantil e contribuir para a criação de espaços mais inclusivos e adequados para o pleno desenvolvimento das crianças.
- O Meio Ambiente: Em resumo é espaço onde o observador consegue se ver como participante e agente dele.
- O Teatro: É um espaço de expressão por intermédio da teatralidade dos atores e suas personagens, onde apresentam uma determinada cena, ou peça teatral.
O Pequeno Príncipe
Sugestão de Personagens: 1) Pequeno Príncipe, 2) Aviador, 3) Rei, 4) Vaidoso, 5) Bêbado, 6) Acendedor de Lamparinas, 7) Homem de negócios, 8) Geógrafo, 9) Cobra, 10) Raposa.
Passo a passo:
1º Passo: Contação da história do Pequeno príncipe.
2º Passo: Dividir os participantes em grupos, se necessário (Uma auto divisão é o mais indicado).
3º Passo: Desenvolver cada cena com a liberdade poética das suas temáticas ambientais.
4º Passo: Apresentação das respectivas cenas.
5º Passo: Socialização da experiência.
Obra Adaptada: SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. O pequeno príncipe. 48. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2009.
1º ATO
1ª Cena – Saudações ao Pequeno Príncipe (Temática: Preços/Mercadorias) Cenário: Terra Aviador (AV):
2º ATO
2ª Cena – O mundo do P.P (Temática: Seu meio-ambiente) Cenário: Terra
3º ATO
3ª Cena – Os mundos conhecidos por P.P (Temática: Biodiversidade dos meios ambientais) Cenário:
Múltiplos mundos (Rei, Vaidoso, Bêbado, Acendedor de Lamparinas, Homem de negócios, Geógrafo)
4º ATO
4ª Cena – Reflexões sobre responsabilidade afetiva (Temática: Responsabilidade sobre compras/posse/bens)

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

O Quadro 1 trouxe um roteiro elaborado pelo pesquisador previamente, nas etapas de concepção do projeto de dissertação, para uma linearidade nas conexões de ideias, com um começo, um meio e um fim, com cenários e personagens além de um breve enredo. Ele serviu como orientador geral para

uma abordagem livre e feita pelas partes que compuseram todo o processo, o diálogo e as discussões em grupos e em formato de círculos foram forças suleadoras da abordagem.

Ainda em novembro, o pesquisador levou o projeto de pesquisa impresso (4 cópias), e compartilhou com os participantes para que eles pudessem ver qual seria o roteiro de intervenção com eles. Foi explicado detalhadamente o projeto de pesquisa já aprovado pelo Comitê de Ética da UEL, foi relatado a eles como é uma dissertação, se apresentou brevemente a Geografia e sobre a potencialidade de utilizar a arte como uma linguagem de sensibilizar, essa apresentação se fez por meio de uma exposição dialogada.

Nesse processo de exposição foi possível responder dúvidas dos educandos sobre os critérios do que é ciência e o porquê a Geografia é uma disciplina e um ramo científico. Visando satisfazer essas questões o pesquisador elaborou sínteses sobre Geografia, Teatro e Meio ambiente, para compartilhar de forma coesa para os educandos. Haja vista, suas faixas etárias, dispostas entre 5 e 9 anos de idade.

Após as apresentações gerais sobre a metodologia da pesquisa foi combinado que nas próximas semanas seriam realizadas “oficinas testes para as habilidades teatrais”.

Segundo ato: A contextualização e os emaranhamentos de praticar o teatro com oficinas geográficas e teatrais

No segundo ato, ocorreu a coleta das expressividades geoarteliterárias, por intermédio de desenhos, frases e fragmentos dos pensamentos dos educandos acerca do teatro, geografia e suas interações e fragmentações, representados na Figura 2.



Fonte: Arquivo Pessoal (2024).

Figura 2. Mosaico de Pensamentos – Geoarteliterário 1.

Nesta etapa, o objetivo foi conhecer quais eram os conhecimentos prévios⁸ dos participantes sobre o teatro, a geografia, e suas concepções de como uma história teatral poderia se desenvolver e suas expectativas sobre os próximos passos da intervenção. É possível observar que essas produções

possuem semelhanças, os cenários que mais foram representados são aqueles que elas mais convivem, assim trouxeram a Casa do Caminho e os cenários do seu entorno, como parques, parquinhos, rios, lagos, árvores, campos verdes, lares etc. como possíveis locais para a desenvoltura da peça teatral.

Dentro das representações dos participantes surgiram sentimentos, ações, decisões, posturas, paisagens, elementos do cotidiano. Nessas relações os educandos fizeram enredos e representações que confluíram em muita geografia das suas vidas, ganhando corpo na expressividade dos seus traços nas produções. Aqui os cenários narrados sendo paisagens cotidianas elucidam como as percepções sensoriais e afetivas das crianças vai se projetando em suas concepções quando pensam em desenvolver uma peça teatral envolvente e livre⁹.

A Geografia sistemazida já existe na realidade das crianças, olhar como essa Geografia é experenciada e relatada por aqueles que ainda não a conheceram formalmente em instituições escolares, é uma forma de popularizar a mesma e dar uma carga significativa.

Posteriormente, ocorreu o desenvolvimento das oficinas teatrais para trabalhar as habilidades teatrais pautadas inspiradas com as produções Geoarteliterárias representadas anteriormente. Nas oficinas foi apresentado os conceitos da Atuação e de improviso. Os elementos fundamentais de uma apresentação teatral como cenário, palco, enredo, personagens e público-alvo foram apresentados.

A atuação livre e cheia de imaginação das crianças pensando peças que envolviam suas realidades locais e ficcionais, carregaram uma carga simbólica de uma preparação das resoluções das situações do seu cotidiano que foram pensadas e levantadas por elas mesmas. A atuação e direção das peças feitas pelo corpo e mente dos envolvidos, é um palco riquíssimo de força potencial para criar abordagens e novas concepções de enfrentamento de dilemas de suas vidas, aqui é o potencial máximo do Teatro e da Geografia sendo usado para ressignificar a atuação das pessoas frente as suas realidades, como se observa na Figura 3.



Fonte: Arquivo Pessoal (2024).

Figura 3. Oficinas de habilidades teatrais.

A Figura 3 representa este momento prático de imaginar cenas e atuações teatrais livres e espontâneas, com intenção de proporcionar às crianças um ambiente de aprendizagem engajador, crítico e transformador. As oficinas contemplavam enredos pensados e forjados dos educandos para eles mesmos, os cenários e cotidiano afloravam, suas ideias criativas sempre calcaram as resoluções práticas de situações de conflito¹⁰. A dinâmica se constituiu por meio de um círculo de atrizes e atores que voluntariamente desenvolviam seus enredos e colocavam as habilidades teatrais em cenas. A princípio todas as peças teatrais desenvoltas por eles, abarcaram suas perspectivas e realidades locais e cotidianas, assim evidenciando o quanto o seu dia a dia está vinculado a suas obras e produções culturais¹¹.

O Quadro 2 comporta as noções dos resultados espontâneos das oficinas, discorrendo quais foram os elementos presentes ou ausentes, na intenção de fazer a ponte entre a Geografia e o Teatro.

Quadro 2. Categorias de análise.

Categorias analíticas presentes ou ausentes nas oficinas			
Conceitos da Geografia	Habilidades do Teatro	Sentimentos dos atores	Cenários
Paisagem - Presente	Expressão Corporal - Presente	Alegria - Presente	Praia
Lugar - Presente	Expressão Vocal - Presente	Tristeza - Presente	Casa
Território - Ausente	Criatividade - Presente	Raiva - Presente	Escola
Espaço Geográfico - Presente	Reflexão - Presente	Medo - Presente	Parques
Região - Ausente	Comunicação - Presente	Afeto - Presente	Praças
	Concentração - Presente	Surpresa - Presente	Ruas
		Confiança - Presente	Rios

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

No quadro anterior, é notório como as habilidades do teatro e sentimentos dos atores afloraram das mais diversas formas, utilizando os conceitos da Geografia como palco e cenário de atuação. Foi nítido que por mais que os conceitos da Geografia como ciência ainda são distantes da consciência dos pequenos, eles os utilizam para dar corpo e desenvoltura para as suas atuações¹².

Espontaneamente os conceitos presentes se concentraram na paisagem e no lugar. As oficinas teatrais encenaram os seguintes enredos, um jantar em uma casa, onde as personagens são vítimas de um envenenamento, toda a comida estava contaminada, mas a personagem vilã, se arrependeu e tinha o antídoto para salvar a todos no fim. Esse fragmento estabelece que as narrativas espontâneas usam da imaginação para criar histórias fictícias com possibilidades de resoluções pelos atores. Essa imaginação delas, é rica e precisa de um certo direcionamento para não encaminhar para direções dispersas.

Na praia, as personagens apreciavam um verão ensolarada comprando e socializando com o vendedor de água de coco, onde as queixas residiam em como os preços estavam altos e inflacionados (mesmo que não tivessem ideia do que é a inflação). Nessa peça as percepções das crianças acerca das suas próprias interpretações dos lugares, pensados e feitos por adultos e para adultos, onde as crianças e suas vontades nunca foram usadas para um planejamento a longo prazo de lugares.

As crianças ao imaginarem peças autorais vão seguir os mais imprevisíveis campos narrativos de histórias, portanto reconhecer os campos analíticos da Geografia nessa trajetória é desafiador e

muito difícil, pois esses campos são de uma sutileza tremenda, requerendo enorme esforço teórico e metodológico dos adultos para transcorrer e não reduzir suas interpretações tão criativas de apresentar suas imaginações em cena. Utilizando os conhecimentos prévios dos alunos e as oficinas de habilidades teatrais foi possível desenvolver a melhor metodologia para abordar a peça final no modelo do teatro fórum que será discorrida na próxima etapa da pesquisa.

Terceiro ato: O espetáculo e as expressividades geoarteliterárias da intervenção

Este último ato, foi desenvolvido em uma reunião no mês de março, para a produção do espetáculo junto da comunidade de participantes da pesquisa, a metodologia da peça teatral seguiu o Teatro Fórum¹³, além da coleta das produções geoarteliterários¹⁴, no desenvolvimento geral também foi solicitado uma produção de síntese da experiência usando desenho ,poesia ou textos livres. A utilização dos materiais de auxílio para fomento da obra teatral foi organizada pelo pesquisador, como mostrado nas Figuras 4 e 5.



Fonte: Arquivo Pessoal (2024).

Figuras 4 e 5. Cartas para reconhecimento e interpretação das emoções no teatro para as meninas e meninos.

As Figuras 4 e 5 buscaram a apresentação das emoções humanas. As emoções são uma força motriz das atitudes e ações das pessoas e das personagens no Teatro, visando isso elas foram impressas e distribuídas para auxiliar na elaboração do espetáculo. A divisão das dessas cartas contemplam ilustrações uma menina ou um menino sentindo e vivendo uma determinada emoção, onde há o corpo e a o nome dessa emoção.

A Figura 6 traz elementos para fomentar os cenários e as temáticas que pudessem despertar nos educandos a inspiração para o desenvolvimento da sua peça autoral, pensada e desenvolvida por eles.



Fonte: Arquivo Pessoal (2024).

Figura 6. Cartas para Cenários e Cartaz de inspiração temática.

Na Figura 6, de forma didática e lúdica, foram apresentados exemplos dos lugares de uma cidade, ilustração a esquerda, como a escola, parque, parquinho, cinema, piscina, cafeteria, loja de brinquedos, supermercado, hospital, ponto de ônibus, estação de trem e rua. Essa figura busca cultivar as concepções gerais de como uma cidade é dividida em múltiplos lugares e suas paisagens que ficam acopladas a esses lugares e como essas relações estão permeando toda essa realidade infantil. Esta conseguiu sintetizar os principais lugares que as crianças já viveram suas histórias, narrativas e experiências das suas realidades, foi muito oportuno a concepção dessas ilustrações para inspiração na construção do espetáculo.

Ainda sobre a Figura 6, a ilustração da direita foi pensada pelo pesquisador visando uma inspiração para a temática do meio ambiente, nota-se que existem elementos que visam o bem-estar, o bem comum e até mesmo uma lógica de um pensamento sustentável. Onde existem menções para apagar as luzes, plantar árvores, usar protetor solar, se comunicar, não desperdiçar alimentos, comer frutas e vegetais, andar de bicicleta, tudo isso apresentado por um título apontando que essas atitudes simples podem impactar a realidade local.

Seguindo para a produção do espetáculo, foi apresentado como iria se desdobrar o espetáculo, numa apresentação geral de como seria a dinâmica dessa elaboração. Seguido por uma breve reapresentação do pesquisador, pois houve a introdução de mais crianças, para além daquelas que fizeram as oficinas anteriores.

As crianças mais confortáveis para uma exposição no palco, foram se aproximando da frente da plateia e nessa dinâmica foi solicitado que elas se organizassem grupos da forma como se sentissem

mais confortáveis e começassem a refletir como a Geografia, o Teatro e o meio ambiente já faziam parte de suas vidas.

Na busca pelas respostas deste questionamento as crianças se juntaram em um único grupo, e começaram a refletir sobre como seria a dinâmica de palco cenário e quem seriam as personagens. Nessa reflexão coletiva de como seria o desdobramento da peça, foi acordado que o público poderia e deveria participar.

Essa dinâmica de que o público participa do espetáculo, foi ao encontro dos pensamentos do Augusto Boal sobre a técnica do teatro fórum, caindo como uma luva para esta dinâmica envolvendo as crianças e suas representações.

Durante a apresentação da peça teatral as pessoas envolvidas se comunicaram constantemente sobre suas expectativas e desejos de representar o mais próximo das suas realidades para o palco. A Figura 7 apresenta o momento final, ou seja, o teatro fórum sendo colocado em prática.



Fonte: Arquivo Pessoal (2024).

Figura 7. Apresentação da peça.

Nesta etapa, a apresentação da peça se desenvolveu de uma forma bem espontânea, onde muitos que ajudaram a pensar o enredo por vezes desistiram de atuar, ou aqueles que não queriam escrever sobre, acabou atuando. Os alunos que se sentiram mais confortáveis viraram atores e diretores da peça, enquanto aqueles que não se sentiram tão confortáveis a participar do palco em si, foram o público espectador que no desenrolar da trama participaram do desfecho.

Apesar de perceber uma relativa timidez logo no início da intervenção, essa timidez foi muito escassa frente a liberdade dos pensamentos que as crianças tiveram para pensarem limites, limitações, regras, cenários, enredo, personagens etc., tudo o que iria compor a suas próprias criações. Durante todo o processo de construção da narrativa, todos os pontos e levantamentos das crianças foi adicionado ou discutido entre o próprio grupo, em formato de círculo e com uma interação expositiva-dialogada. O saldo da intervenção foi muito qualitativo. O Quadro 3 visa uma apresentação de como foi a lógica da narrativa, a apresentação e elaboração deste quadro.

Quadro 3. Relato (roteiro) da peça.

“Uma tarde no parquinho”
As Personagens: 1) As crianças do parquinho que já estavam brincando nesse lugar (Grupo A); 2) As Crianças que chegaram no parquinho e criaram uma bagunça (Grupo B);
1º ATO - Apresentações
1ª Cena – As crianças estão se divertindo no parquinho (GA) e então acontece de chegar um outro grupo de crianças (GB) para brincarem no mesmo lugar. Eles se cumprimentam mas continuam suas rotinas de brincadeiras.
2ª Cena – O parquinho a princípio estava totalmente organizado e limpo, mas então o grupo B acabou bagunçando tudo e jogando lixo no chão e nos brincando, resultando na poluição de toda a paisagem. As personagens que já usavam o parquinho (GA) observaram a cena e ficaram reflexivas perante essa situação.
2º ATO - Desenvolturas
3ª Cena – As crianças (GA) se posicionaram perante o conflito dessa bagunça que se instaurou, e apareceu duas lideranças, de ambos os lados, tentando organizar o caos que havia se instaurado naquele lugar de diversão. As lideranças além de ouvirem os próprios atores, ficaram atentas as vozes do público que assistia atentamente a peça, onde se clamava por uma solução de conflito.
3º ATO – As considerações
4ª Cena – As crianças (GA) pediram que os novos personagens refletissem acerca dos seus atos e que eles deveriam em CONJUNTO desenvolver a reorganização dos lixos que eles mesmos produziram e espalharam.
5ª Cena – As personagens de ambos os grupos se ajudaram para um bem estar geral naquela paisagem de diversão fictícia.

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

No desenvolvimento da peça teatral, o cenário que foi decidido pelas crianças era a cidade de Londrina/PR, em um parque ficcional que possuía um parquinho para as crianças brincarem. O Quadro 3 apresenta a riqueza da imaginação, onde as personagens se confrontaram com um impasse de desorganização do seu meio-ambiente, a resolução do determinado conflito que foi levantado de forma fictícia pelas crianças foi resolvido também pelas crianças. As reflexões e soluções apontadas pelos autores e atores da peça apresentada, demonstra o quanto as possibilidades de um diálogo democrático desde as suas decisões mais cotidianas deve ser o caminho. Os envolvidos discorreram que se divertiram no processo de elaboração da atividade teatral envolvendo a Geografia do seu dia a dia, onde muitos ainda nem tiveram contato com a ciência geográfica sistematizada¹⁵.

Essa peça teatral coloca em cena uma série de habilidades teatrais, categorias geográficas e sentimentos que merecem ser avaliados. A interpretação e expressão corporal das crianças demonstram habilidades de interpretação ao expressarem, através de gestos e movimentos, as emoções e reações perante as situações que ocorreram no parquinho. A chegada do segundo grupo, a bagunça criada, e as tentativas de organização são oportunidades para as personagens usarem expressão corporal e verbal para comunicar suas intenções e sentimentos¹⁶.

A resolução de conflitos onde a liderança emergente de ambos os grupos revela a habilidade de negociação e resolução de conflitos. As crianças se engajam em diálogos construtivos, ouvindo as diferentes perspectivas e buscando uma solução pacífica e colaborativa, o que é uma habilidade essencial no teatro, especialmente em peças com temas sociais. A interatividade com o público na peça é explorada, ao considerar as “vozes do público” como um elemento influente na resolução do

conflito. Isso sugere um teatro interativo, onde o público pode influenciar o desenrolar da trama, incentivando a participação ativa e a empatia¹⁷.

Quanto as categorias da Geografia levantadas, o Espaço Geográfico e Lugar¹⁸, aparecem na atividade no parquinho, onde se desenvolvem as ações e sua transformação de um lugar organizado para um ambiente poluído. Aborda a questão do uso e apropriação do espaço geográfico e do lugar. Isso evidencia como o comportamento dos indivíduos pode impactar o ambiente ao seu redor.

No tocante à paisagem¹⁹, a mudança na paisagem do parquinho, de organizada para caótica, ilustra a dinâmica das paisagens, como elas são moldadas pelas ações humanas. A peça coloca em discussão a responsabilidade coletiva pela preservação e cuidado do espaço público. Aos sentimentos envolvidos, a peça instiga empatia, tanto entre as crianças do grupo A, que refletem sobre a bagunça, quanto no público espectador, que é chamado a se envolver e participar na busca de uma solução. A empatia é central para a resolução do conflito e para a colaboração que se segue.

O sentimento de responsabilidade surge quando as crianças do grupo A (GA) pedem ao grupo B (GB) que reflitam sobre suas ações e trabalhem juntos para restaurar a ordem no parquinho. Esse sentimento é crucial para o desenvolvimento do senso de cidadania e respeito pelo espaço comum. Ao desfecho da peça, a cooperação entre os dois grupos de crianças foi fundamental para restabelecer a harmonia no parquinho. Esse sentimento reforça a importância de trabalhar em conjunto para o bem-estar coletivo, uma mensagem poderosa tanto no teatro quanto na vida real. Essa análise mostrou que a peça não só é um exercício teatral, mas também um veículo para explorar temas geográficos e sociais, além de promover valores essenciais como responsabilidade, cooperação e empatia.

A peça “Uma Tarde no Parquinho” pode ser interpretada à luz dos princípios do TO. O TO visa capacitar indivíduos e comunidades marginalizadas a explorar, expressar e transformar situações de opressão através da prática teatral. A conexão entre a peça e essa abordagem se dá em vários aspectos. Na exploração de conflitos e opressões envolvendo a opressão no espaço comum, na peça, o grupo de crianças que já estava no parquinho o GA experimenta uma forma de opressão simbólica quando o grupo GB chega e desorganiza o ambiente. Isso espelha situações reais onde espaços compartilhados são disputados ou degradados, e os interesses de um grupo são sobrepostos aos de outro, sem consideração ou diálogo.

Os atores oprimidos e opressores, quando a peça também demonstra como os papéis de “oprimido” e “opressor” não são fixos, mas podem ser negociados. As crianças do GA inicialmente passivas, observam a degradação do parquinho e, em seguida, se posicionam, desafiando o comportamento do GB. Isso exemplifica a dinâmica de opressão, onde o diálogo e a sensibilização podem reverter situações de injustiça.

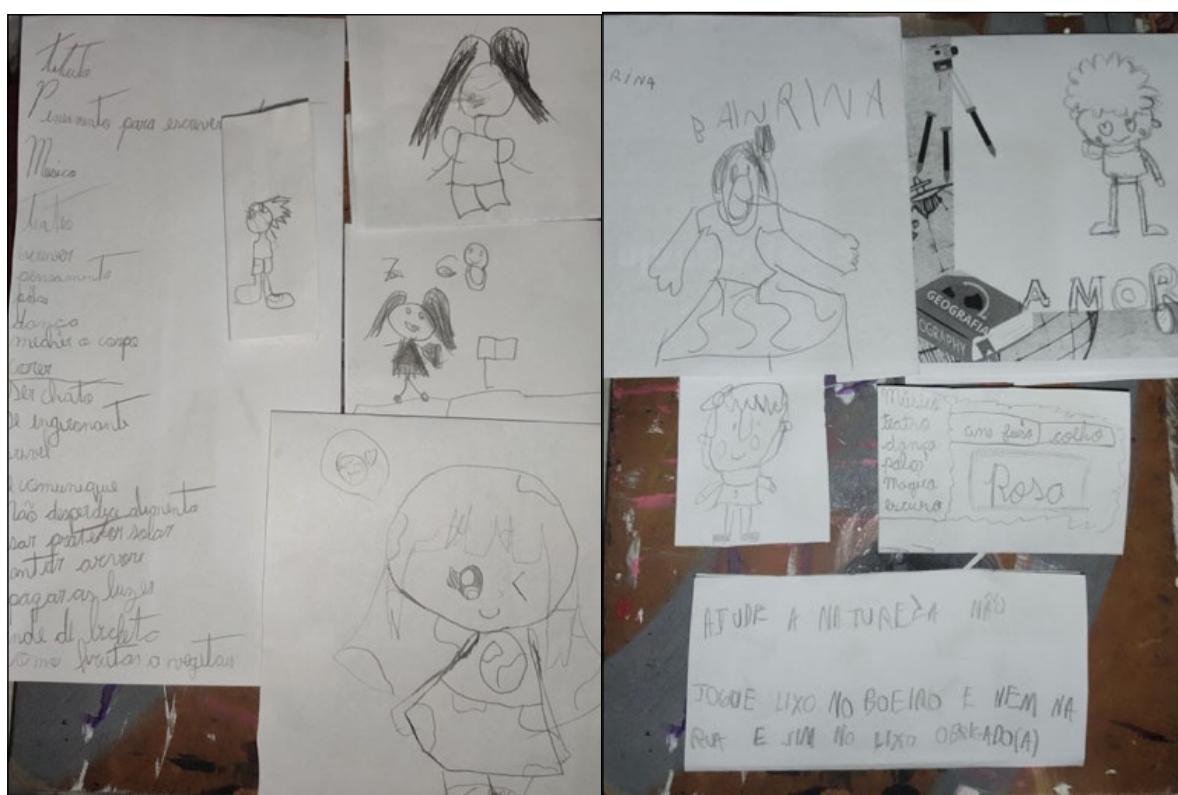
O empoderamento e sensibilização a participação ativa e a transformação Social dentro da metodologia do Teatro Fórum de Augusto Boal do TO propõem que os espectadores não sejam apenas observadores passivos, mas participem ativamente na transformação da narrativa. Na peça, a interação com o público que clama por uma solução de conflito ecoa a técnica do Teatro-Fórum, onde o público sugere alternativas e soluções para os problemas apresentados. Essa participação ativa reflete a essência do TO : transformar o espectador em agente de mudança.

Na sensibilização coletiva quando as crianças do GA convidam o GB a refletir sobre seus atos e a colaborar na limpeza do parquinho, elas estão engajadas em um processo de sensibilização, outro pilar central do TO . Esse processo de sensibilização permite que as crianças reconheçam as consequências de suas ações e percebam a importância da responsabilidade coletiva.

Quanto a educação e diálogo, a peça promove a educação para a cidadania, um dos objetivos do TO . Ao lidar com temas como responsabilidade ambiental e cooperação, a peça não só diverte, mas educa, incentivando o público a refletir sobre seu papel na sociedade e suas ações cotidianas.

Assim, “Uma Tarde no Parquinho” pode ser vista como um micro representação dos processos de opressão e libertação que o TO busca explorar. A peça não só explora a dinâmica entre opressores e oprimidos, mas também promove a sensibilização e a transformação social, fundamentais para a metodologia de Boal. A peça se tornou, portanto, um espaço onde crianças ensaiaram para um mundo mais justo e colaborativo²⁰.

Sobre o encaminhamento final da intervenção a Figura 8 apresenta as expressividades finais dos participantes, é perceptível nas representações geoarteliterárias que os corpos num palco, se sentem livres para performar e atuar durante o desenvolvimento de uma peça teatral, com sua imaginação sendo o limite.



Fonte: Arquivo Pessoal (2024).

Figura 8. Mosaico das Concepções finais das expressividades espontâneas das crianças participantes.

A Figura 8 apresenta os elementos simbólicos do que é considerado teatro, geografia, e meio ambiente, permeiam essas representações geoarteliterárias, com finalidade de síntese da intervenção. Apresentar as suas interpretações de mundo, um mundo só delas, carregado de forças criativas para mudanças de horizontes em suas vidas e dos seus arredores. O grau de sensibilização que foi assimilado pelos participantes foi significativo, eles vão discorrendo por meio de desenhos, palavras, símbolos, vão tentando usar a Geoarteliteratura para ler as suas concepções de como foi participar da pesquisa²¹. No âmbito da GI , que reconhece as crianças como agentes ativos na construção de

seus espaços e saberes, essa proposta se enriquece ainda mais. As vivências das crianças nos espaços que habitam, moldadas por suas explorações e interações, revelam sua capacidade de entender e transformar o mundo à sua volta.

Anarrativa, o drama e a performance teatral permitiram que as crianças explorassem questões ambientais sob novas perspectivas, expressando suas emoções, ideias e preocupações. Esse processo valorizou não apenas o conteúdo apresentado, mas também a subjetividade e a ludicidade inerentes ao ato de aprender.

A integração entre a GI e o TO ofereceu uma abordagem metodológica robusta e inovadora para a EAES. Essa prática incentivou as crianças a se engajarem em um processo ativo de transformação social, explorando seus espaços, expressando suas ideias e compreendendo o impacto de suas ações no ambiente.

Os resultados da intervenção extrapolaram os padrões e parâmetros que eram esperados, todas as produções e o desenrolar das atividades, foi feito de forma muito eficiente para o fomento de uma abordagem crítica e com o tratamento didático muito potente levando os conceitos gerais da Geografia, do Teatro e do Meio Ambiente para um público infantil

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa buscou entender como a metodologia do teatro fórum, uma ramificação do TO de Augusto Boal, inspirada pela metodologia participativa consegue auxiliar na sensibilização para uma EAES. Assim o trabalho conseguiu entender quais foram as representações sociais dos/as participantes sobre o conceito meio ambiente e fomentou na sensibilização para uma EAES desde a infância.

As percepções do seu meio ambiente foram amplamente representadas e reivindicadas como uma categoria próxima às suas realidades locais, indo ao encontro das literaturas atuais, quando se aborda a importância ser pertencente ao meio ambiente que o circunda, essa pesquisa intencionou fazer as conexões mais humanas e reais entre o ser e o ambiente, o método humano-processual foi de suma importância para as reflexões desta obra.

E dentre as linguagens do ensino de Geografia, o TO pode ser utilizada para trabalhar a EA junto ao ensino! Foi perceptivo no decorrer das etapas da referida pesquisa como a linguagem teatral potencializa a aprendizagem significativa dos participantes acerca dos princípios de uma EAES. Todo o processo foi concebido por aqueles que estão dentro da realidade levantada e questionada.

Este trabalho não visa encerrar as discussões e considerações sobre essas possibilidades teóricas de aproximação e sim apresentar e inspirar para mais trabalhos envolvendo a GI com o uso da linguagem teatral, tendo em vista, dentre tantas outras possibilidades de aprendizagens de conceitos e temas da Geografia, visando a promoção da EAES.

Trabalhos que busquem entender como essas múltiplas formas de linguagem podem ser empregadas para o pensamento de uma educação ambiental emancipatório que visa sensibilização para essa temática devem ser produzidos por toda a sociedade.

NOTAS

3 Para Rossi (2023) esse método busca discorrer que tão importante quanto conhecer e revelar o objeto, durante essa busca ocorrerá o processo de seres humanos melhores surgirem, por intermédio do processo catártico.

4 IDAM (2014) é elencado que as principais etapas que a compõem são as seguintes: 1. Sensibilização e mobilização; 2. Diagnóstico participativo; 3. Planejamento participativo; 4. Execução de atividades e projetos específicos; 5. Monitoramento e avaliação, 6. Replanejamento.

5 Veja Reigota (2001) e Cintrão e Correia (2004).

6 IDAM (2014).

7 Veja Reigota (2001) e Cintrão e Correia (2004).

8 Usando como ancoragem a teoria de aprendizagem significativa de Ausebel refletida por Moreira (2012).

9 Reflexões usando Delgado e Muller (2006); Lopes (2013); Lopes e Vasconcellos (2006).

10 Pensamentos ancorados em Boal (1980).

11 Pensamentos ancorados em Boal (1980).

12 Reflexões usando Delgado e Muller (2006); Lopes (2013); Lopes e Vasconcellos (2006); Frederico (2021).

13 Para Augusto Boal (1980), O Teatro Fórum é uma das técnicas do Teatro do Oprimido, essa técnica específica tem como objetivo promover a reflexão e a transformação social por meio do teatro interativo. No Teatro Fórum, uma cena ou peça é apresentada ao público, retratando uma situação de opressão ou conflito social. A peça é apresentada até o momento em que o conflito atinge um ponto crítico, mas sem apresentar uma solução. Nesse ponto, o público é convidado a intervir. Espectadores são encorajados a substituir o protagonista oprimido e a sugerir e encenar alternativas para resolver o conflito. O Teatro Fórum pode capacitar as pessoas, oferecendo-lhes um espaço para praticar a resistência à opressão e explorar diferentes formas de ação coletiva na vida real. O Teatro Fórum é, portanto, uma linguagem poderosa de conscientização e empoderamento, que visa transformar os espectadores passivos em “espect-atores” ativos, envolvidos no processo de mudança social.

14 Veja mais em Suzuki; Araújo; Castro; (2020).

15 As interpretações foram ancoradas em Boal (1980).

16 As interpretações foram ancoradas em Boal (1980).

17 As interpretações foram ancoradas em Boal (1980).

18 Apontamentos ancorados em Sarmento (2005); Pereira e Pereira (2022); Oliveira Junior e Girardi, (2011); Oliveira (2013); Ribeiro e Torres (2006); Koudela (1992); Frederico (2021).

19 Pensamentos refletidos com base em Sarmento (2005) Pereira e Pereira (2022); Oliveira Junior e Girardi, (2011); Oliveira (2013); Ribeiro e Torres (2006); Koudela (1992).

20 Reflexões analíticas usando como base Pereira e Pereira (2022); Oliveira Junior e Girardi, (2011); Oliveira (2013); Ribeiro e Torres (2006); Koudela (1992); Frederico (2021).

21 Reflexões analíticas usando como base Pereira e Pereira (2022); Oliveira Junior e Girardi, (2011); Oliveira (2013); Ribeiro e Torres (2006); Koudela (1992); Jacinto, *et al* (2023); Jacinto (2024); Jacinto e Silva (2024) Frederico (2021).

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, M. L. F.; FRANÇA, T. L. Concepções de Educação Ambiental de professores de biologia em formação nas universidades públicas federais do Recife. *Educar em Revista [online]*. 2013, n. 50.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais - Meio Ambiente**. Brasília: MEC, 1998
- BRASIL. **Resolução N° 2, de 15 de junho de 2012**. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental.

- CASTANHEIRA, N. P. **Estatística aplicada a todos os níveis.** 1 ed. InterSaberes, 2013.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Ed. Atlas, ed.5, 2017.
- Boal, A. **O Teatro do Oprimido e outras Poéticas Políticas.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Coleção teatro hoje, V. 27, 2. ed., 1980.
- CINTRÃO, F. F. J.; CORREIA, L. Meio ambiente e representação social: um estudo de caso na escola municipal de ensino fundamental de Araraquara-SP. **Revista Uniara**, n.14, p. 201-212, 2004.
- DELGADO, A. C. C.; MULLER, F. **Apresentação:** Tempos e Espaços das Infâncias. Currículo Sem Fronteiras: Revista para uma educação crítica e emancipatória, Rio Grande do Sul, v. 6, n. 1, 2006.
- DIAS, G. F. **Educação ambiental: princípios e práticas.** 7. ed. São Paulo: Gaia, 1994.
- FIGUEIREDO, A. D. **A pedagogia dos contextos de aprendizagem.** Revista e-Curriculum, São Paulo: v.14, n.03, 2016.
- FREDERICO, C. **Escritos sobre arte e o realismo.** 1ed. Campo Grande: Télos educativa, 2021.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GRANERO, V.V. **Como usar o teatro em sala de aula.** São Paulo: Ed. Contexto, 2018.
- IDAM. **Metodologia participativa de extensão rural -** Manaus: IDAM, 2014.
- JACINTO, D. F.; SILVA, I. C. G.. Relato de uma experiência geográfica envolvendo educação ambiental com crianças em londrina-pr In: II Encontro internacional de metodologias qualitativas de pesquisa e/ou ação, 2024, londrina. II Encontro Internacional de Metodologias Qualitativas de Pesquisa e/ou Ação: Desenvolvimento territorial sustentável. **Anais[...]**, 2024.
- JACINTO, D. F.; TORRES, E. C.; ALIEVI, A. A.; RIBEIRO, D. A.; SANTOS, K. O. Análise geográfica de manifestações geoarteliterárias espontâneas acerca do meio ambiente com alunos do ensino fundamental II em um colégio estadual de Cornélio procópio- pr” In: XV ENANPEGE, **Anais[...]**, 2023, Palmas.
- JACINTO, D. F.. As contribuições do teatro na geografia da infância: a busca por uma educação ambiental emancipatória significativa in: II encontro internacional de metodologias qualitativas de pesquisa e/ou ação, 2024, Londrina. II Encontro Internacional de Metodologias Qualitativas de Pesquisa e/ou Ação: Desenvolvimento territorial sustentável. **Anais[...]**, 2024.
- JACINTO, D.F; ALVES, W.W.; Relato de experiência da Oficina de Teatro “A Pequena Princesa: Em uma noite estrelada às margens do Rio Tibagi”. In: TORRES, E. (Org). **Educação Ambiental e Geografia:** Sensibilizações, práticas e caminhos. Pará de Minas, MG: Virtual Books, 2023.
- KOUDELA, I. D. **Jogos teatrais.** São Paulo: Perspectiva, 1992.
- LOPES, J. J. M. (2013). Geografia das Crianças, Geografias das Infâncias: as contribuições da Geografia para os estudos das crianças e sua infância. **Revista Contexto & Educação**, 2022.
- LOPES, J. J. M.; VASCONCELLOS, T. Geografia da Infância: Territorialidades Infantis. **Currículo Sem Fronteiras:** Revista para uma educação crítica e emancipatória, Niterói, v. 6, n. 1, 2006.
- LOUREIRO, C.F.B **Trajetória e Fundamentos da Educação Ambiental.** 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2006.
- MOREIRA, M. A. **O que é afinal aprendizagem significativa?** Laguna - Espanha: Qurrículum, 2012.
- OLIVEIRA JUNIOR, W. M.; GIRARDI, G. Diferentes linguagens no ensino de Geografia. In: Encontro nacional de práticas de ensino de geografia, XI, 2011. Goiânia. **Anais[...]**. Goiânia, 2011.
- OLIVEIRA, M. F. S. **Geografia e poesia:** diálogo possível no ensino da geografia escolar. 207 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Geografia) – Universidade Federal do Piauí-UFPI,

Teresina, 2013.

- PAULO, M; L; TORRES, E.C; Encenações teatrais como caminho para desenvolver a educação ambiental. In: TORRES, E. (Org). **Educação Ambiental e Geografia IV: Sensibilizações, práticas e caminhos**. Pará de Minas, MG: Virtual Books, 2017.
- PENTEADO, H.D. **Meio Ambiente e Formação de Professores**. 4 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2001.
- PEREIRA, A. M.; PEREIRA L. M.; Reflexões sobre um teatro com bebês e crianças e outras territorialidades. **Instrumento:** Rev. Est. e Pesq. em Educação, Juiz de Fora, v. 24, n. 2, 2022.
- REIGOTA, M. **O que é Educação Ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- RIBEIRO, E.; TORRES, E. C. A Importância da Poesia como Instrumento de Ensino de Geografia. In. ANTONELLO, I.; MOURA, J. D. P.; TSUKAMOTO, R. Y. **Múltiplas Geografias: ensino-pesquisa-reflexão**. Londrina: Ed. Humanidades, vol. III, 2006.
- ROSSI, R. Método humano-processual: contribuições à pesquisa em educação. **Revista Gestodebate**, Campo Grande - MS, vol. 23, n. 22.
- SAINT-EXUPÉRY, A. **O pequeno princípio**. 48. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2009.
- SARMENTO, M. J. Crianças: educação, culturas e cidadania activa. In: **Perspectiva – Revista do Centro de Ciências da Educação**, Florianópolis: Editora da UFSC V. 23, 2005.
- SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-Crítica**: primeiras aproximações. 11. ed. Campinas, SP:
- SILVA, I.G; PETILE, S.B.P; Oficina de teatro como ferramenta para Educação Ambiental: relato de experiência em Londrina-PR. In: TORRES, E. (Org). **Educação Ambiental e Geografia: Sensibilizações, práticas e caminhos**. Pará de Minas, MG: Virtual Books, 2023.
- SUZUKI, J. C; ARAÚJO, G. C. C.;CASTRO, R. C. M. L.; **Geografia, Literatura e Arte**, v.2, n.2, p. 1-4,jul./dez.